

OLHANDO, DESEJANDO, IN-CORPORANDO:  
CACHIMBOS DE BARRO NA CONSTRUÇÃO DE COMUNIDADES DIASPÓRICAS

VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica  
Volume 16 | Número 2 | Julho – Dezembro 2022  
ISSN 1981-5875 ISSN (online) 2316-9699

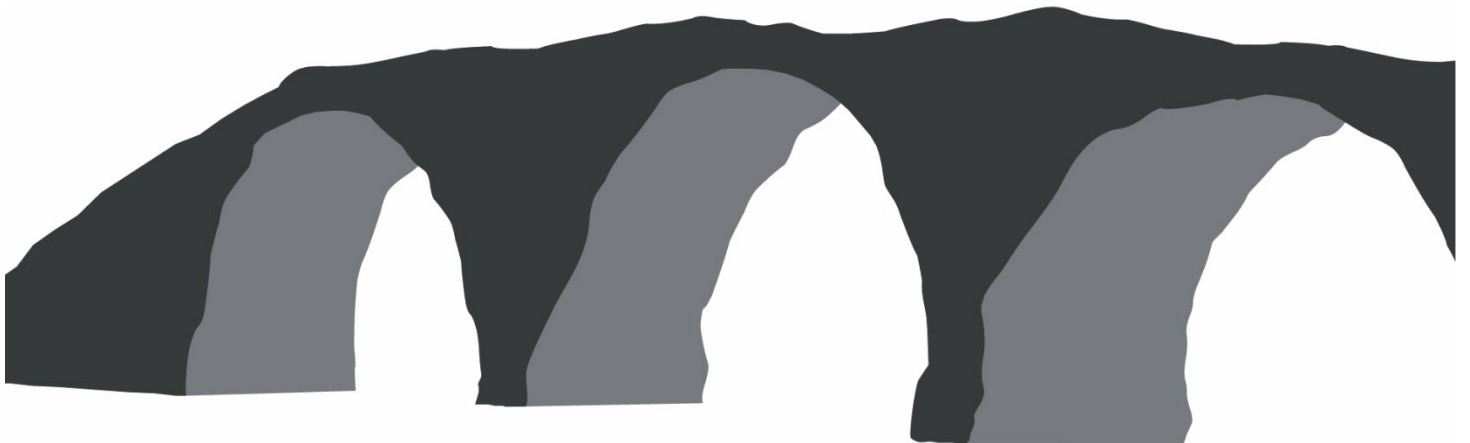
**OLHANDO, DESEJANDO, IN-CORPORANDO: CACHIMBOS DE BARRO NA  
CONSTRUÇÃO DE COMUNIDADES DIASPÓRICAS**

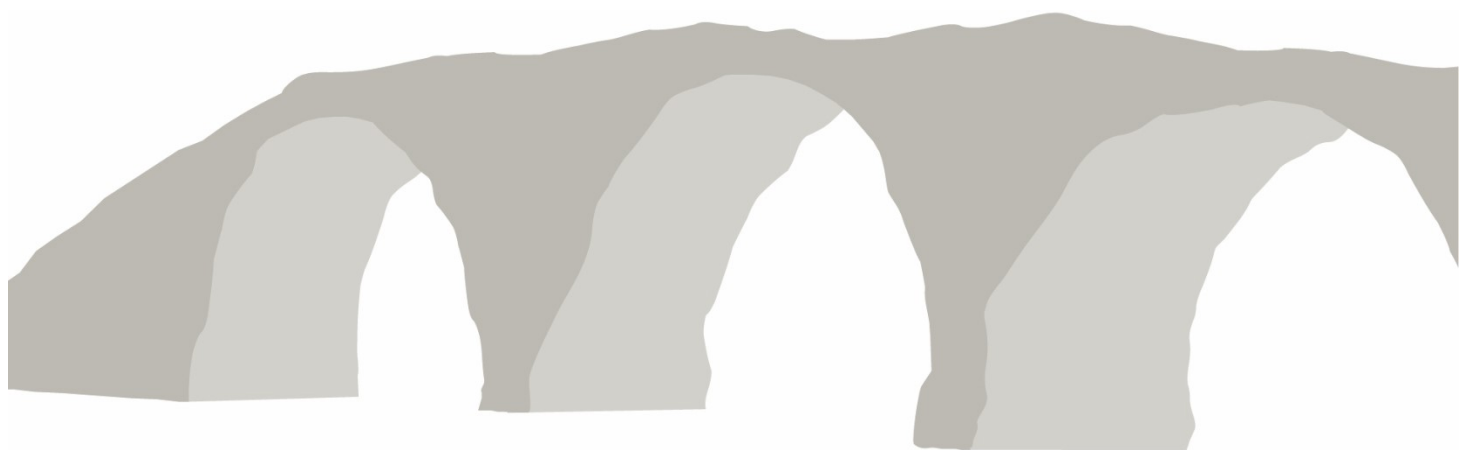
**MIRANDO, DESEANDO, ENCARNANDO: PIPAS DE BARRO EN LA  
CONSTRUCCIÓN DE COMUNIDADES DIASPÓRICAS**

**LOOKING, DESIRING, EMBODYING: CLAY PIPES IN THE CONSTRUCTION  
OF DIASPORIC COMMUNITIES**

Marcos André Torres de Souza

Tania Andrade Lima





*Submetido em 03/03/2022.*

*Aceito em: 24/03/2022.*

*Publicado em 27/07/2022.*

**OLHANDO, DESEJANDO, IN-CORPORANDO: CACHIMBOS DE BARRO NA  
CONSTRUÇÃO DE COMUNIDADES DIASPÓRICAS**

**MIRANDO, DESEANDO, ENCARNANDO: PIPAS DE BARRO EN LA  
CONSTRUCCIÓN DE COMUNIDADES DIASPÓRICAS**

**LOOKING, DESIRING, EMBODYING: CLAY PIPES IN THE CONSTRUCTION  
OF DIASPORIC COMMUNITIES**

Marcos André Torres de Souza<sup>1</sup>

Tania Andrade Lima<sup>2</sup>

---

RESUMO

Este artigo analisa cachimbos de barro recuperados em escavações arqueológicas realizadas em áreas urbanas, rurais, e em espaços públicos do Rio de Janeiro com presença de africanos escravizados, entendendo esses artefatos como agentes sociais. Através de uma abordagem centrada exclusivamente nesses objetos, considera, fundamentado em Gell (1998) e Heidegger (2012), que a exuberante decoração que lhes foi aposta capturava a atenção dos que os viam, seduzindo-os para o projeto social ao qual eles estavam vinculados. No caso, a construção de comunidades diaspóricas, na circunstância do desenraizamento, dispersão e desagregação promovidos pelo deslocamento forçado de africanos dos seus lugares de origem para um destino novo e desconhecido. São analisados diferentes referenciais étnicos e culturais presentes nos motivos decorativos dos cachimbos. Eles apontam não apenas as múltiplas proveniências dos que aqui chegaram, mas também a incorporação de elementos estéticos de origem europeia, amplamente utilizados pela sociedade envolvente. Desse processo de hibridização resultou a criação e compartilhamento de novos referenciais, próprios das comunidades diaspóricas que aqui se formaram.

**Palavras-chave:** escravidão urbana, cachimbos de barro, comunidades diaspóricas, agência de objetos, arqueologia histórica.

---

<sup>1</sup> Professor adjunto do Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Antropologia, Programa de PósGraduação em Arqueologia (PPGARq); pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Endereço: Quinta da Boa Vista s/n, S. Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: [torresdesouza@ufrj.br](mailto:torresdesouza@ufrj.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0434-1673>.

<sup>2</sup> Departamento de Antropologia, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Quinta da Boa Vista, s/n°, São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ - CEP 20940-040. E-mail: [talima8@gmail.com](mailto:talima8@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-05006028>.

## RESUMEN

Este artículo analiza pipas de barro recuperadas en excavaciones arqueológicas realizadas en áreas urbanas y rurales, y en espacios públicos de Río de Janeiro con presencia de africanos esclavizados, entendiendo estos artefactos como agentes sociales. A través de un abordaje centrado exclusivamente en estos objetos, considera, basándose en Gell (1998) y Heidegger (2012), que la exuberante decoración que se colocaba sobre ellos captaba la atención de quienes los veían, seduciéndolos al proyecto social al que se dirigían. estaban involucrados, vinculados. En este caso, la construcción de comunidades diaspóricas, en la circunstancia de desarraigo, dispersión y desagregación promovida por el desplazamiento forzado de africanos desde sus lugares de origen hacia un nuevo y desconocido destino. Se analizan diferentes referencias étnicas y culturales presentes en los motivos decorativos de las pipas. Señalan no sólo los múltiples orígenes de quienes llegaron hasta aquí, sino también la incorporación de elementos estéticos de origen europeo, muy utilizados por la sociedad circundante. Este proceso de hibridación resultó en la creación y el intercambio de nuevas referencias, propias de las comunidades diaspóricas que se formaron aquí.

**Palabras clave:** esclavitud urbana, pipas de barro, comunidades diaspóricas, agencia de objetos, arqueología histórica.

## ABSTRACT

This article analyses clay pipes recovered in archaeological excavations conducted in urban and rural areas and public spaces of Rio de Janeiro once occupied by enslaved Africans, conceiving these artifacts as social agents. Adopting an approach centred exclusively on these objects, it considers, based on Gell (1998) and Heidegger (2012), that their exuberant decoration was designed to capture the attention of those looking at them, seducing the observer towards the social project to which these pipes were linked – in this case, the construction of diasporic communities in the context of the uprooting, dispersion and disintegration caused by the forced dislocation of Africans from their place of origin to a new and unknown destination. The analysis focuses on the different ethnic and cultural references present in the decorative motives of the clay pipes. These point not only to the multiple origins of who that arrived here but also the incorporation of aesthetic elements of European origin, widely used by the surrounding society. This process of hybridization resulted in the creation and sharing of new references, specific to the diasporic communities that formed in Rio de Janeiro.

**Keywords:** urban slavery, clay pipes, diasporic communities, agency of things, historical archaeology.

*Decorative patterns applied to artefacts attach people to things, and to the social projects those things entail.*

Alfred Gell, 1998, p. 74

## INTRODUÇÃO

Pesquisas arqueológicas conduzidas em áreas urbanas e rurais do Rio de Janeiro, em diferentes sítios situados cronologicamente entre os séculos 17 e 19, estes últimos em maior número, recuperaram com frequência cachimbos de barro em meio à materialidade encontrada. A iconografia do final dos Setecentos, especialmente as aquarelas de Julião, e das primeiras décadas dos Oitocentos (Figura 1), em particular as obras de Debret, Rugendas, Earle e Guillobel, mostra recorrentemente seu uso por escravizados - tanto mulheres quanto homens - em situações da vida cotidiana, desempenhando as mais diversas atividades. Praticamente inexitem representações de pessoas livres portando esses objetos, de tal forma que uma inevitável, porém não de todo procedente, associação entre cachimbos de barro e africanos escravizados acabou por se instalar. Embora ela de fato exista e em números muito expressivos, sobretudo se considerados os contextos arqueológicos dos achados – no caso, unidades domésticas e produtivas, bem como locais públicos com presença de cativos – admite-se aqui que eles podem ter sido também produzidos e utilizados por outros segmentos sociais, livres, mas sempre de baixa condição socioeconômica.

Este artigo se detém na análise dos cachimbos de barro recuperados nas pesquisas mencionadas acima, quer de natureza acadêmica quer preventiva, nos seguintes sítios, cujas coleções se encontram na sua quase totalidade sob a guarda do Museu Nacional:

- Sede da Fazenda da Mandioca (FM), originalmente uma unidade produtiva do início do século XIX, na localidade então rural de Inhomirim, mas que no seu decorrer se tornou residência de oficiais da Fábrica de Pólvora, instalada na área da antiga fazenda após sua desativação (Lima, 1992).

- Paço Imperial (PI), no centro histórico da cidade, pesquisado pelo corpo técnico de arqueólogos do IPHAN por ocasião do restauro do seu edifício, cujo acervo foi em parte encaminhado à guarda do Museu Nacional, há algumas décadas (Silva *et al.*, 1984).

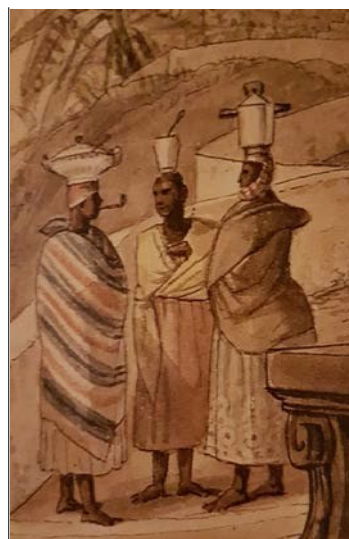
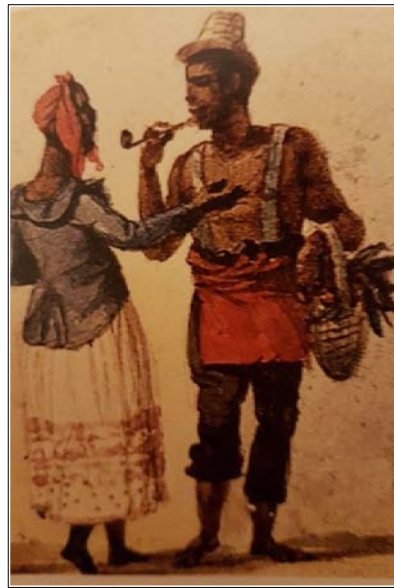


Figura 1. Aquarelas de Jean-Baptiste Debret mostrando homens e mulheres cativos com seus cachimbos, em cenas do cotidiano no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XIX (Bandeira & Lago, 2009).

- Solar Grandjean de Montigny (SGM), residência do arquiteto vindo na Missão Francesa, em 1816, implantada nos então arredores da cidade, e hoje situada dentro do campus da PUC, na Gávea.
- Sítios urbanos localizados nas ruas Assembleia (AS), Visconde de Inhaúma (VI), Marrecas (SM) e Riachuelo (R), no centro histórico da cidade. O Sítio da Assembleia, ponto de encontro de escravizados urbanos em sua faina diária, foi datado entre o último quarto do século XVII e meados do XVIII (Lima, 2016); Visconde de Inhaúma (Lima, 2010) e Marrecas (Lima, 2013), apresentaram evidências dos séculos XVIII e XIX; e Riachuelo, expôs um conjunto de residências do século XIX (Lima, 2020).
- Cais do Valongo (V), parte do complexo de venda de escravizados implantado ao final do século XVIII no litoral norte da cidade, tendo sido o cais formalmente edificado no início do século XIX (Lima, Sene, Souza, 2018). Seu acervo é o único que não se encontra no Museu Nacional, mas sob a guarda do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, Prefeitura do Rio de Janeiro.

A coleção do sítio da Assembleia, embora numerosa, está excessivamente fragmentada, apenas quatro peças estão em boas condições, tendo sido publicadas em Lima (2016). Algumas delas são reproduzidas aqui, porém somente quando relevantes para a discussão.

O conjunto exposto neste artigo constitui uma amostra ampla e muito diversificada, porém com algumas características convergentes, especialmente de ordem decorativa, que estimularam reflexões sobre seus elementos comuns. Ocorre que, como disse Gell (1998), padrões decorativos apostos a artefatos tornam as coisas vivas, animadas, ativas, com poder de agir. Mais ainda, eles anexam pessoas às coisas e aos projetos sociais que essas coisas envolvem. As transformações sucessivas da cerâmica em cachimbos, e dos cachimbos em sujeitos ativos através da performance dos seus padrões decorativos modificam, reciprocamente, as pessoas (Mitchel, 2006).

O artigo apresenta, em figuras, a totalidade dos cachimbos estudados e a interpretação dada a eles, entendidos como agentes sociais. Apenas um dos padrões recuperados em grande número no Cais do Valongo, que lá somaram 219 peças<sup>3</sup>, foi aqui representado graficamente por apenas quatro, visando compactar a informação em razão do espaço disponível.

#### CACHIMBOS DE BARRO COMO AGENTES SOCIAIS<sup>4</sup>

Na literatura arqueológica brasileira das últimas décadas, cachimbos de barro foram tentativamente vinculados, por alguns autores, a grupos étnicos africanos, a partir de características técnicas, estilísticas e decorativas que supostamente seriam comuns a ambos os lados do Atlântico (Lima *et al.*, 1993; Agostini, 1998, 2009, 2018; Souza, 2000, p. 80-86; 2018; Souza & Agostini, 2012; Coelho, 2012; Paiva *et al.*, 2015). Muitos esforços têm sido feitos nessa direção, mas essa é uma discussão que vem ganhando maior densidade com novos aportes. A obtenção de dados genéticos a partir de artefatos está abrindo novas avenidas de possibilidades para

---

<sup>3</sup> Quantificação feita a partir de peças inteiras, fragmentadas e fragmentos maiores que 1 cm. Menores que 1 cm não foram considerados.

<sup>4</sup> “Things” as Social Agents (Gell, 2012).

o estudo dos cachimbos de barro, como demonstrou investigação conduzida por Schablitsky *et al.* (2019). O DNA extraído da saliva contida na haste de um cachimbo recuperado na senzala de Belvoir Plantation, em Crownville, Maryland, permitiu identificar que sua usuária foi uma mulher. A análise genômica mostrou ser ela estreitamente relacionada ao povo mandês, da África Ocidental, que ocupou a atual região da República de Serra Leoa. Tão logo esse tipo de análise se torne mais acessível, o cenário tentativo com o qual a arqueologia vem trabalhando passará a contar com a acurácia dos resultados que podem ser alcançados através da análise do DNA. Atualmente, os cachimbos de barro estão sendo entendidos como expressões de novas identidades construídas na circunstância da diáspora, porém guardando eventualmente referenciais estéticos e étnicos de origem.

As aquarelas da Figura 1 representam claramente diferentes circunstâncias de interação social entre cativos, em ambientes urbanos abertos, onde eles circulavam todo o tempo. Sendo os cachimbos objetos de pequeno porte, eles tinham visibilidade muito baixa para desempenhar sua capacidade agentiva em espaços públicos, em grandes escalas, onde passariam despercebidos. Admitindo o papel ativo desses artefatos, produzidos não somente para a função a que se destinavam, mas para capturar a atenção de quem os via, seu raio efetivo de ação eram os espaços pequenos e a interação face a face, em contatos interpessoais e entre pessoas e coisas, sendo essa a dimensão adequada para a sua performance. O olhar era o sentido primordialmente acionado para afetar o interlocutor, atraído pela integralidade material dos cachimbos, e, na dimensão das suas especificidades estéticas, pela decoração de sua superfície. Participante das relações pessoas-coisas, essa decoração exercia, a partir da sua própria existência, um poder de captura através da sedução.

A imersão dos cachimbos em contextos face a face pode ser lida também em um outro tipo de situação. Debret, que criou representações de objetos e ambientes que possuem notável correspondência com o que tem sido recuperado em escavações arqueológicas (*e.g.* Lima *et al.*, 2014, Souza & Lima, 2017), oferece um exemplo interessante. Na aquarela “Trapeiros pobres de Minas”, que retrata uma pequena venda em Minas Gerais (Figura 2), vê-se um alguidar cerâmico com diversos cachimbos no seu interior, os quais certamente foram ali expostos, à beira do caminho, para venda (à direita da imagem). É digna de nota, nessa aquarela, a escolha de um local proeminente e visível para exibição do alguidar com cachimbos, o que fez, inclusive, com que ele fosse capturado pelo olhar do pintor. Partícipes de uma rede de relações engajada e muito particular, os cachimbos representados por Debret reafirmam a escala dessas relações, estabelecidas em um raio de ação que demandava estreita proximidade física. Em uma perspectiva mais ampla, reafirmam também o apelo e importância desses objetos na vida cotidiana daquele período.





Figura 2. Aquarela de Jean-Baptiste Debret, 1823, intitulada “Trapeiros pobres de Minas” (Bandeira e Lago, 2009).

As relações face a face estabelecidas entre pessoas e cachimbos na sua comercialização e uso podem ser lidos, pela ótica da fenomenologia, por meio de dois conceitos propostos por Heidegger (2012)<sup>5</sup>: aquilo que ele denominou “presente-à-mão” (*Vorhandenheit*), que se liga à apreensão tácita do mundo material à nossa volta; e “pronto-à-mão” (*Zuhandenheit*), que se refere ao momento em que um objeto que está disponível para uso é identificado como capaz de realizar algo, estabelecendo, a partir desse momento, uma relação prática com as pessoas.

A colocação dos cachimbos de barro em uma posição visível e sem obstruções na venda retratada por Debret sugere que esses objetos deviam ocupar um lugar “presente-à-mão”. Ao mesmo tempo, sua conspicuidade em contextos arqueológicos brasileiros indica que eles foram sempre objeto de interesse consciente, tornando-se frequentemente “prontos-à-mão”. Nesse momento, suas qualidades materiais contribuíam para que interações pessoas e coisas fossem ativadas, o que incluía, destacadamente, seus elementos decorativos.

A julgar pelas evidências materiais e documentais disponíveis, os cachimbos acompanhavam todo o tempo seus usuários, convertendo-se em uma extensão dos seus corpos, os quais se tornavam um suporte para a agência desses objetos. Muitos deles tinham orifícios de suspensão na barbela (ver terminologia proposta por Hissa, neste volume), evidência de que os indivíduos os carregavam consigo como apêndices corporais, devidamente in-corporados.

<sup>5</sup> Para sua aplicação na arqueologia, ver especialmente Olsen (2010, p. 71-76) e Thomas (1996, p. 68-86).

Integrando o que Heidegger (2012, p. 211-213) denominou como totalidade-instrumental, ambos – cachimbos e seus usuários - adquiriam sentidos mais amplos ao se envolverem na construção de relações com outros objetos, compondo uma rede de entidades interconectadas que tinham como centro de referência o corpo.

Agentes secundários das intenções de quem os produzia, os cachimbos falavam por si mesmos, envolvendo o observador. O que eles comunicavam nessa condição agentiva funcionava como um aglutinante, com vistas a reunir os elementos dispersos na circunstância diaspórica, para a construção de novas comunidades. Este foi o projeto social a serviço do qual estiveram os cachimbos de barro. Um projeto aparentemente bem sucedido, a julgar pela alta popularidade de alguns padrões decorativos concebidos, produzidos, distribuídos e replicados, até se transformarem por completo, como produto do amplo processo de reformulação criativa vivenciado por essas comunidades, e que pode ser mais nitidamente percebido nos momentos que se seguiram à abolição, quando eles não mais se fizeram presentes.

### OS PADRÕES DECORATIVOS E SEUS REFERENCIAIS ÉTNICOS E CULTURAIS

O motivo decorativo de mais elevada frequência na amostra foi o de linhas incisas (Figura 3, seqüências ao alto), feitas na pasta ainda mole, antes da queima. Ele tem como elemento fixo e invariável uma única linha que contorna o forninho, pouco abaixo do lábio. Ela pode ocorrer sozinha, ser tangenciada ou trespassada por uma ou mais linhas verticais ou oblíquas, mais frequentes em número de duas, existindo apenas um exemplar com quatro. Esses cachimbos angulares de haste curta foram modelados, em muitos casos com pouco apuro. O porta-boquilha foi reforçado e no cotovelo foi feita uma barbel, da mesma forma sem muito esmero.

Esses cachimbos incisos foram os de mais alta popularidade no Cais do Valongo, tendo sido encontrados também no Paço Imperial, na Fazenda da Mandioca e na rua Riachuelo. Trata-se de um padrão que surgiu no século XVIII, ao que tudo indica, no Rio de Janeiro, tendo ficado, ao que parece, restrito a esse estado, à falta de achados similares em outras unidades da federação e mesmo fora do Brasil. Um exemplar desse tipo, de confecção primorosa, foi recuperado no naufrágio do navio H. M. S. Pandora. Essa embarcação partiu da Inglaterra no encalço do grupo de amotinados a bordo do H. M. S. Bounty, mas, durante a perseguição, naufragou na costa da Austrália, em 1791. Segundo relato do seu capitão, o Pandora havia feito, naquele mesmo ano, uma parada no Rio de Janeiro, para a compra de provisões (Edwards, 2017, p. 27-28), sendo altamente provável que a peça tenha sido adquirida nessa escala, em vista da sua ocorrência tão circunscrita. Esta é uma referência importante para situá-la cronologicamente pelo menos no último quartel do século XVIII.

Investigando outras possíveis ocorrências desse padrão decorativo em face da sua frequência impressionante no Cais do Valongo, consultamos o acervo do Laboratório de Arqueologia Brasileira, que guarda diversas coleções provenientes da cidade e do estado do Rio de Janeiro. Segundo sua diretora-presidente, a arqueóloga Jeanne Cordeiro (comunicação pessoal), ele foi recuperado em quantidades expressivas no Sítio São Bento, localizado no centro da cidade e datado do século XVIII. Em pesquisa realizada sob sua coordenação, foram encontrados 126 exemplares, entre peças inteiras, fragmentadas e fragmentos. Igualmente modelados e de haste curta, eles apresentam, contudo, algumas diferenças em relação aos do Valongo. Sua confecção é um pouco mais acurada, e, em grande parte deles, as incisões, feitas no forninho com um instrumento com extremidade em bisel duplo, são mais largas e profundas, e não alcançam a linha que contorna o forninho pouco abaixo do lábio, embora existam os incisos semelhantes aos do Valongo, porém em menor número.

O mesmo ocorreu na Igreja de São Gonçalo Garcia dos Homens Pardos e Capela de São Jorge, no centro da cidade, construída em meados do século XVIII. Também segundo Cordeiro (comunicação pessoal) e exame de peças do acervo, foram recuperados pela pesquisadora os mesmos incisos largos do Sítio São Bento, mas também os incisos semelhantes aos do Cais do Valongo.

Nas pesquisas realizadas por Sílvia Peixoto, no Engenho do Camorim, em Jacarepaguá, os mesmos cachimbos incisos do Cais do Valongo foram encontrados, porém com baixa frequência, totalizando apenas três exemplares. Embora se tratando de um sítio dos séculos XVII e XVIII, essas peças foram recuperadas em um bolsão de aterro atribuído pela pesquisadora ao século XIX (Peixoto, 2019), que parece ter sido de fato o período de maior e mais intensa dispersão desse motivo decorativo.

Acreditamos que este motivo se relaciona aos centro-africanos, que foram dominantes no Rio de Janeiro, sobretudo no século XIX (Florentino, 1997; Lima *et al.*, 2014). Mais especificamente, o atribuímos à influência de um sistema de comunicação gráfica conhecido como *bidimbu*, que era direcionado a questões filosóficas, metafísicas e de mediação espiritual, sendo representado por meio de diversas formas geométricas lineares. Esse tipo de representação foi amplamente utilizado na África Central (Thompson & Cornet, 1981, p. 42-43; Martinez-Ruiz, 2013, p. 47-50) e, conforme atestam diversas linhas de evidências, podia ser feito em escafições faciais ou em variados tipos de suporte material, como pinturas rupestres, paredes residenciais, objetos portáteis ou no chão, por meio de riscos (Martinez-Ruiz, 2013, p. 47-50). A favor dessa proposição pesa o fato de que os sistemas de comunicação gráfica centro-africanos cruzaram o atlântico. No Brasil, evidências claras dessa transposição são as diversas expressões do cosmograma BaKongo, recuperadas pela arqueologia, e os pontos riscados, utilizados pelos praticantes da Umbanda (Thompson, 1984, p. 111-116).

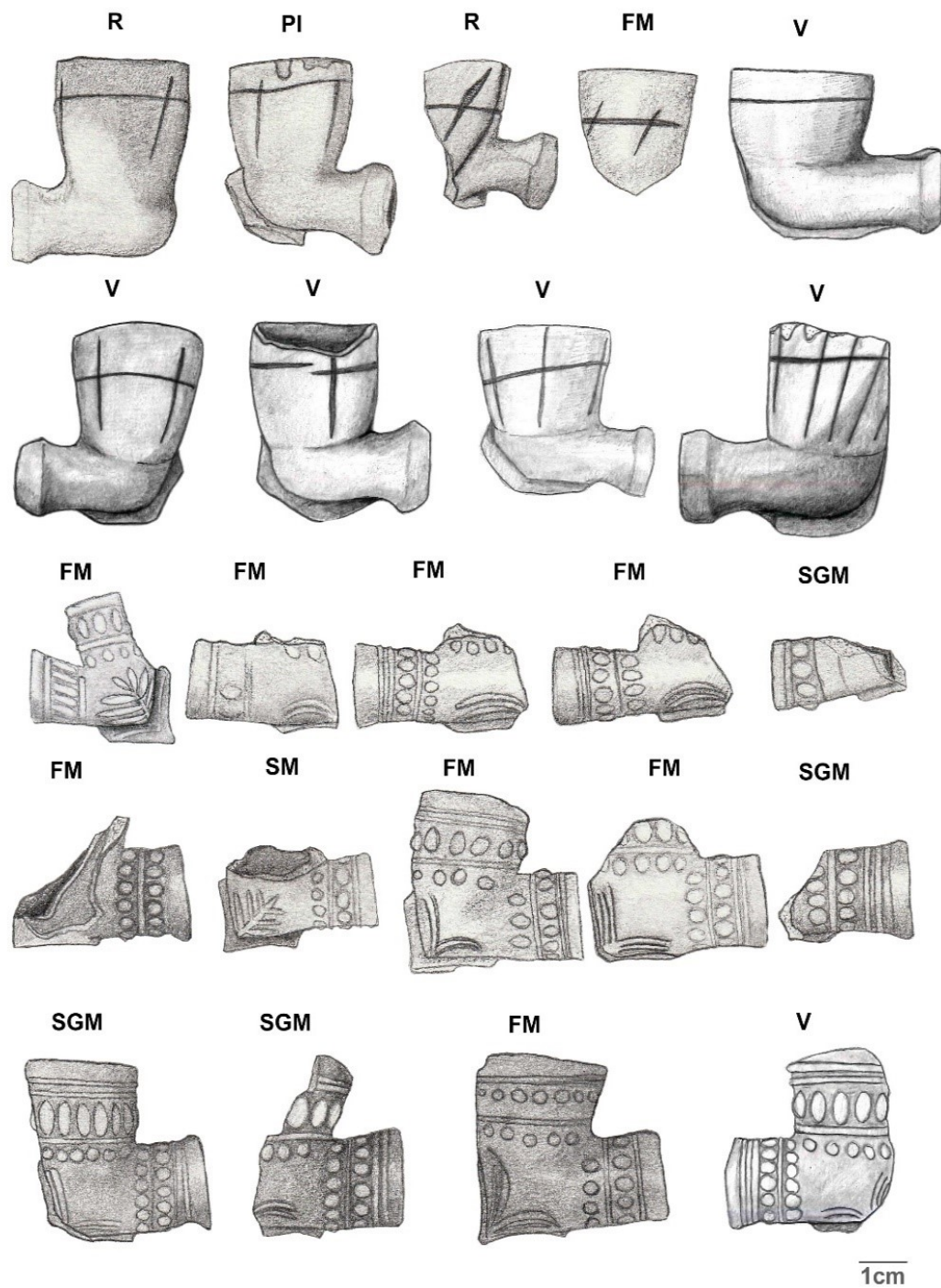


Figura 3. Padrão decorativo de linhas incisas, exemplares provenientes do Cais do Valongo, Paço Imperial, Fazenda da Mandioca e Sítio Riachuelo.  
Padrão decorativo perolado, redondo e ovalado, exemplares provenientes do Cais do Valongo, Fazenda da Mandioca, Sítio das Marrecas e Solar Grandjean de Montigny. Desenhos: Henrique Vences.

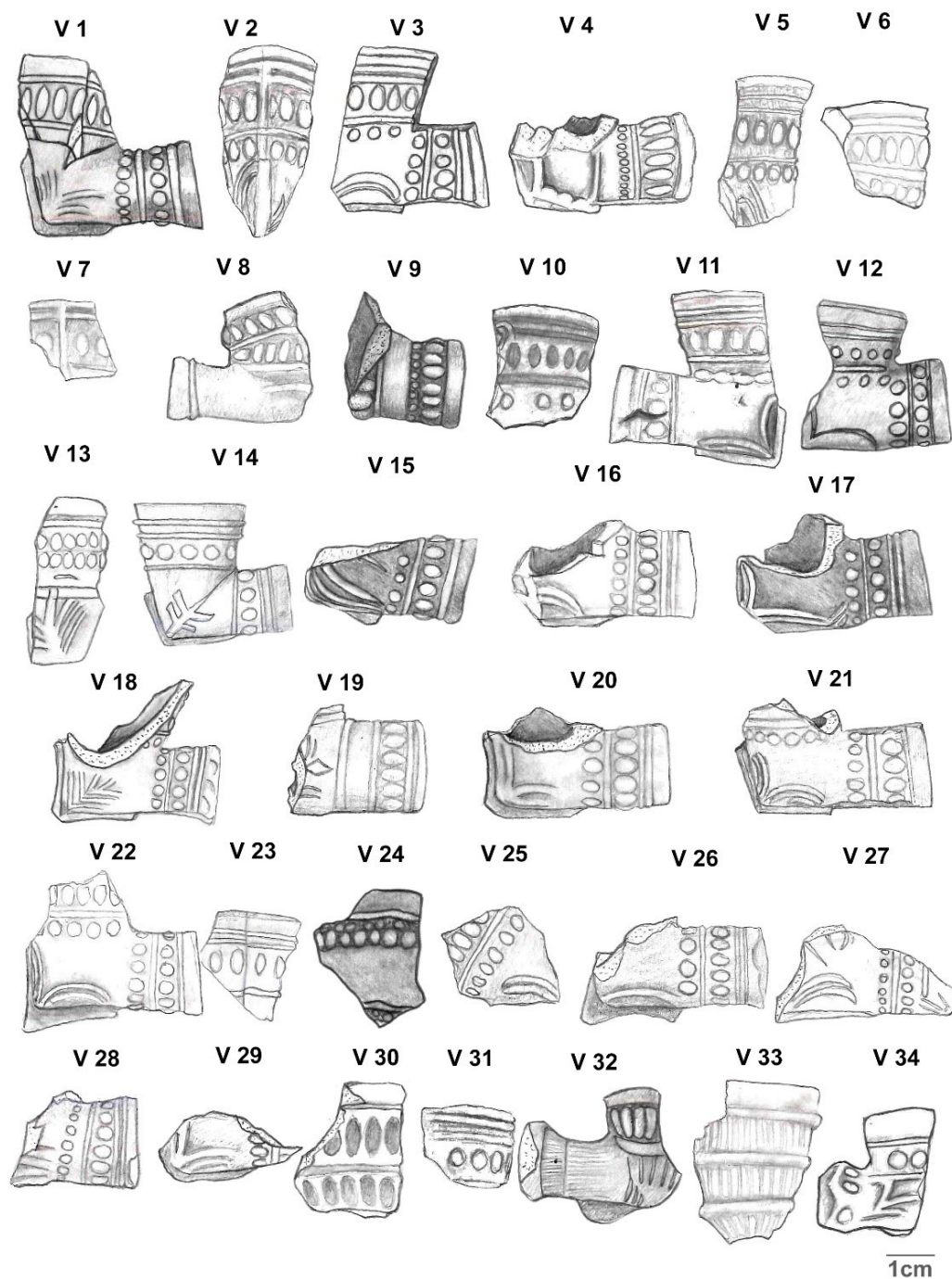


Figura 4. Padrão decorativo perolado, nas variações redonda e ovalada. Exemplos provenientes do Cais do Valongo. Desenhos: Henrique Vences.

Na mesma Figura 3 e também na Figura 4, são apresentados cachimbos com uma ornamentação exuberante, constituída por um motivo decorativo aqui designado como perolado, em variação redonda e ovalada. É o segundo em popularidade na amostra analisada, tendo sido encontrado também de forma expressiva, embora em números bem menores, no Cais do Valongo, na Fazenda da Mandioca, no Sítio das Marrecas e no Solar Grandjean de Montigny.

Trata-se de um cachimbo angular de haste curta, moldado, cuja decoração consiste em faixas peroladas delimitadas por linhas em número variável, no forninho e na haste, neste último caso junto ao porta-boquilha. São poucos os exemplares onde a haste não recebeu essa decoração. As faixas de “pérolas” em geral são duplas e mais raramente ocorre apenas uma. A segunda nunca é delimitada, sendo deixada livre. Algumas peças receberam uma barbela no cotovelo, e precisamente desse ângulo brota um motivo fitomorfo em ambos os lados, ora mais figurativo, ora mais estilizado, mas quase sempre presente.

O motivo perolado é em sua origem europeu, desde tempos muito recuados, e aparece com frequência nas chamadas artes decorativas, em trabalhos de madeira, vidro, metal ou cerâmica. No Brasil oitocentista, ele figurava em uma ampla variedade de suportes, desde peças de metal no estilo D. Maria I, em vigor entre o final do século XVIII e 1828, (Figura 5), até cerâmicas de origem que supomos ser portuguesa, encontrada nas escavações do sítio Riachuelo (Figura 6), sendo um modelo acessível e facilmente observável na tralha doméstica dos segmentos envolventes, à época. Ao que tudo indica, ele foi absorvido, retrabalhado, ressignificado e incorporado aos cachimbos de barro pelos africanos escravizados, produzindo, com sua decoração exuberante, o encantamento de que nos fala Gell (1998), cativando e conquistando usuários.



Figura 5. Salva de prata brasileira D. Maria I, com borda perolada. Disponível em: <https://www.levyleiloeiro.com.br/peca.asp?ID=264903>. Acesso em 26/01/2022.



Figura 6. Peça fragmentada de cerâmica, supostamente portuguesa, com borda perolada. Encontrada no sítio Riachuelo, Século XIX. Foto: Andrea Jundi.

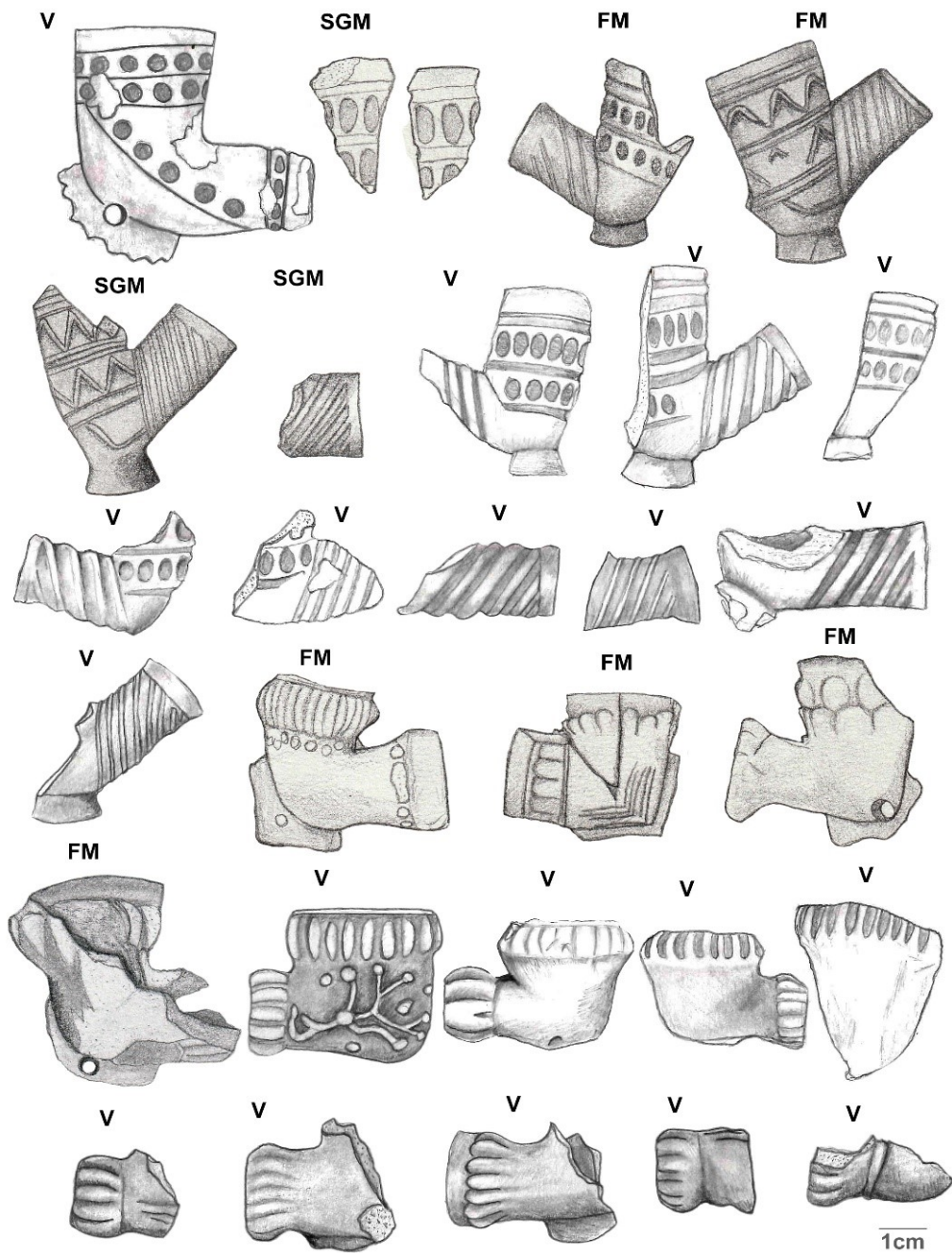


Figura 7. Padrão decorativo perolado, em negativo, e decoração na haste em linhas paralelas oblíquas, em relevo. Exemplos provenientes do Solar Grandjean de Montigny, Fazenda da Mandioca e Cais do Valongo. Padrão decorativo em gomos, exemplares provenientes do Cais do Valongo. Desenhos: Henrique Vences.

Um exemplar encontrado no Cais do Valongo (Figura 7, primeira peça) se destaca pelo maior porte e por uma confecção mais primorosa, sobretudo pela qualidade da barbeta, que recebeu um orifício de suspensão. Nele, as “pérolas” foram feitas em negativo e a segunda faixa foi delimitada, ao contrário dos demais, por uma linha. No porta-boquilha foi colocada apenas uma faixa, que se liga às do forninho por uma sequência ascendente de “pérolas”. Esse destaque faz pensar na possibilidade de uma utilização diferenciada para esse exemplar, de natureza hierárquica ou cerimonial.

A ideia do perolado entrou em outras composições (Figura 7), porém com formas substancialmente distintas: também com faixas duplas de “pérolas” delimitadas por linhas, no forninho, só que em cachimbos pedunculados com hastes em ângulo agudo. Nesses exemplares, as “pérolas” são em negativo e o perolado não se repete na haste, neste caso decorada com linhas paralelas oblíquas, em relevo, com diferentes espessuras, de grande efeito visual. Esse tipo de decoração foi encontrado em três fragmentos em ângulo reto, não tendo sido, portanto, exclusivo do modelo pedunculado. Em dois dos exemplares encontrados, um na Fazenda da Mandioca e outro no Solar Grandjean de Montigny, ocorreu a mesma forma pedunculada em ângulo agudo, porém as faixas foram compostas não por “pérolas”, mas por linhas duplas em zig zag (Figura 7, primeira e segunda linhas). Em lugar de um referencial europeu, motivos geométricos de inspiração africana.

Esses cachimbos apresentam um conjunto de características típicas da costa de Gana, área tradicionalmente ocupada pelos Ashanti, como pode ser visto nas Figuras 8 e 9, abaixo, segundo Ozanne (1962, p. 56-57).

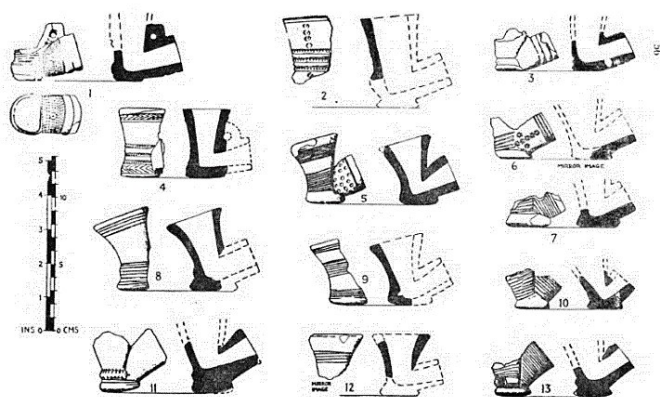


Figura 8. Cachimbos recuperados na escavação de Ayaso, em 1957, em Accra, Gana (Ozane, 1962).

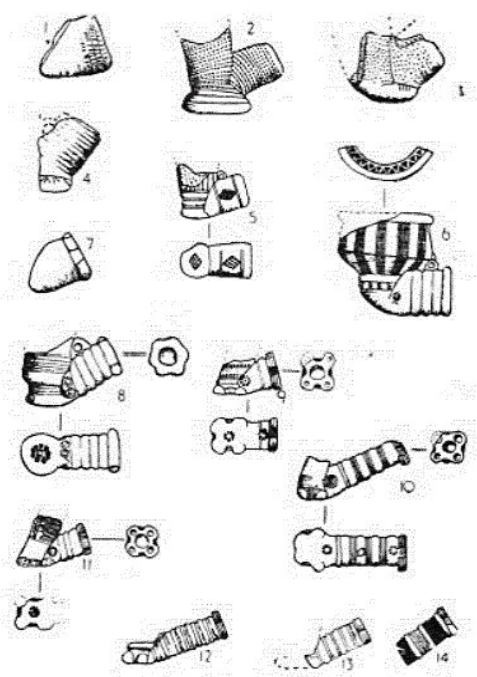


Figura 9. Cachimbos provenientes de Accra, Gana. (Ozane, 1962).



Assim como a decoração perolada, os motivos em gomos reproduzidos na Figura 7 têm longa tradição europeia, figurando da mesma forma no vocabulário das artes decorativas, em suportes tão variados como metais, madeiras, louças e cerâmicas (Figuras 10 e 11). Em se tratando de objetos do cotidiano da sociedade envolvente, estavam visualmente acessíveis, com seus elementos decorativos disponíveis para serem apropriados e ressignificados, como de fato parecem ter sido.



Figura 10. Lavatório de louça inglesa, decoração em gomos. Século XIX. Disponível em [www.dagsaboya.com.br/peca.asp?ID=3423](http://www.dagsaboya.com.br/peca.asp?ID=3423). Acesso em 26/01/2022



Figura 11. Antiga farinheira de metal, decoração em gomos. Disponível em <https://www.catalogodasartes.com.br/obra/DGGAeBzG>. Acesso em 26/01/2022.

O motivo decorativo em gomos, em múltiplas variações, foi encontrado apenas no Cais do Valongo, na amostra de cachimbos analisados neste artigo, mas ele ocorre em outros sítios, pelo menos desde o século XVIII. São cachimbos angulares, de haste curta, nos quais a decoração em gomos foi aposta somente na parte superior do forninho, junto ao lábio, e no porta-boquilha. Um deles apresenta uma decoração fitomorfa na face lateral do forninho, à semelhança de uma árvore.

Outras três variantes do padrão em gomos (Figura 7, quarta sequência) foram recuperadas na Fazenda da Mandioca, todas com barbeta no cotovelo: uma apresenta o motivo fitomorfo surgindo desse ponto, e duas não apresentam decoração no porta-boquilha.

Um outro conjunto de cachimbos angulares moldados, de haste curta, reproduzem efígies com atributos que remetem a policiais (Figura 12). O da Figura 13 assemelha-se a um *flic*, policial francês, tanto pelo quepe tipo militar, de aba pequena e curta, quanto pelos bigodes engomados, voltados para cima. Uma exceção é o exemplar no meio da última sequência, que porta na cabeça um toucado, semelhante a um turbante.

Segundo Hissa (2018), cachimbos com forninhos em forma de efígie foram muito populares entre fabricantes franceses, e intensamente produzidos na França desde o início do século XIX até o começo do XX. Essas efígies representavam personagens importantes da realeza, da política e da mitologia, mas também objetos de uso comum e figuras do cotidiano. Uma forte influência do mundo árabe era visível nas reproduções de Jacó, com turbante na cabeça, entre outros. A autora menciona a produção desses cachimbos em argilas de

diferentes cores, entre elas, pretas, de tal forma que os exemplares encontrados no Cais do Valongo, Fazenda da Mandioca, Solar Grandjean de Montigny e Riachuelo, pelas suas características, parecem se tratar de cachimbos franceses, importados em quantidades após a abertura dos portos, em 1808 (Hissa & Lima, 2019). Os exemplares encontrados não são de grande qualidade, e aparentemente se disseminaram pelos estamentos de menor poder aquisitivo. Muito curiosamente, aliás, em se tratando da figura fortemente repressora de um policial, o que certamente produzia impressão nos que o viam, logo de cara, na frente do forninho.

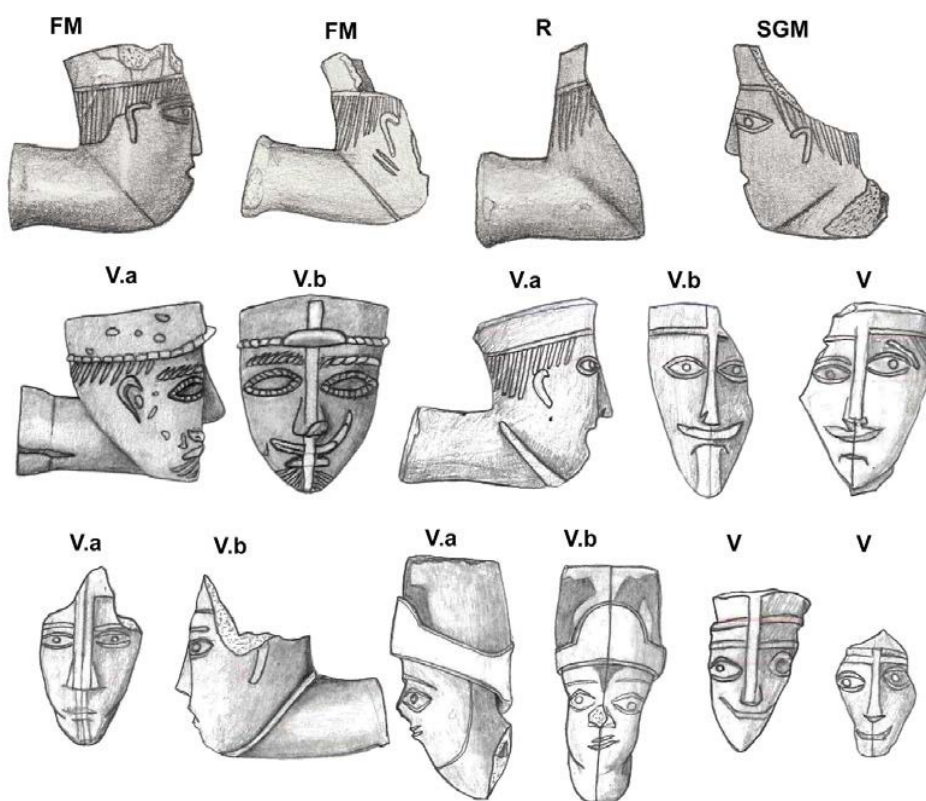


Figura 12. Cachimbos com forninho em forma de efigie, de fabricação francesa, à luz de Hissa (2018).



Figura 13. Reprodução fotográfica do primeiro cachimbo da segunda sequência, na Figura 12. Foto: Tania Andrade Lima.

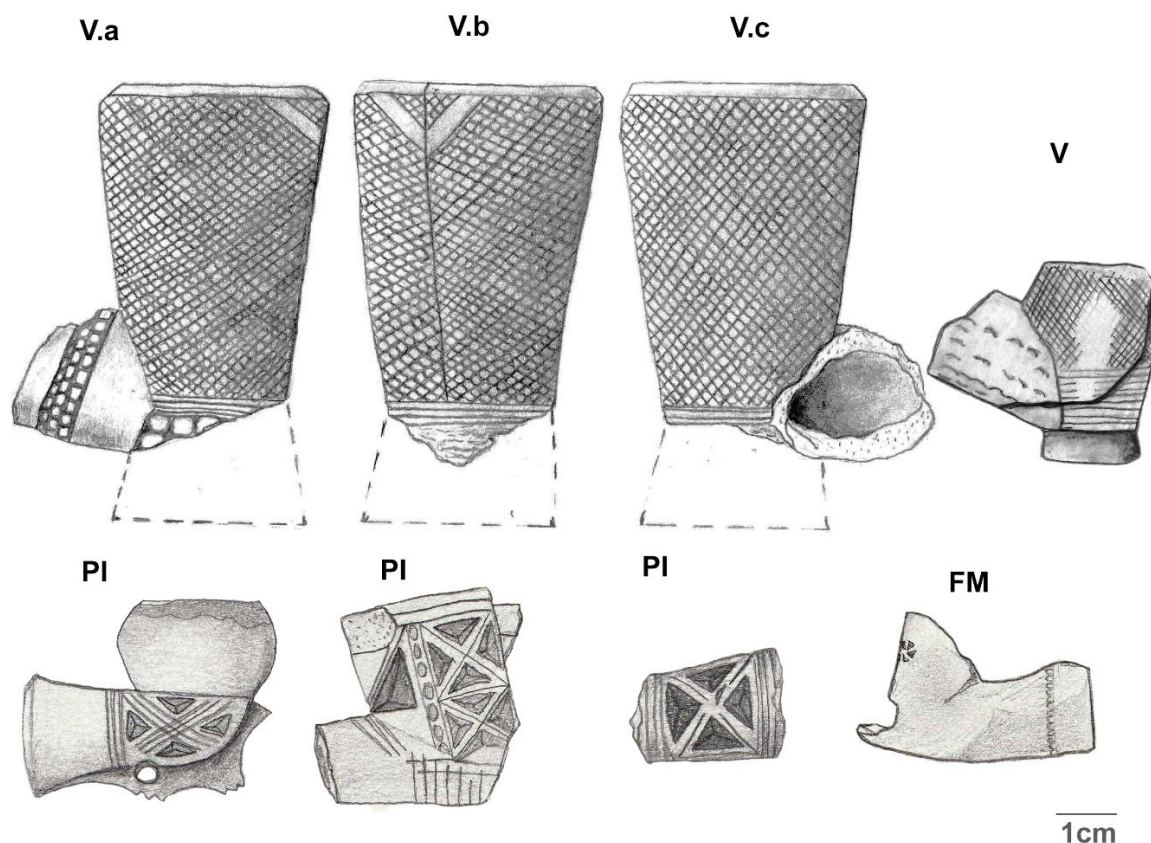


Figura 14. Na primeira seqüência, dois cachimbos com decoração impressa. Na segunda, padrão decorativo em X e triângulos escavados na argila. Desenho: Henrique Vences.

De caráter excepcional, o cachimbo pedunculado com haste em ângulo agudo ao alto, na Figura 14, feito em molde, se reveste de absoluta imparidade na amostra, tendo sido recuperado no Cais do Valongo. De porte avantajado, com capacidade para receber grande quantidade de fumo, ele está fragmentado, mas é possível perceber um remanescente de perolado feito com esmero no pedúnculo, assim como no pequeno pedaço que restou da haste. Em razão das suas dimensões e peso, o pedúnculo foi fundamental para apoiá-lo. A decoração no corpo do forninho foi feita com a impressão de um tecido reticulado de malha muito fina, à toda volta do corpo, arrematando na costura do molde, na frente da peça. Do alto, saem do lábio duas faixas oblíquas, finas e lisas, que se unem também na costura do molde, formando um V.

Trata-se de uma peça que produz forte impressão em quem a vê, inspirando respeito e reverência, de tal forma que parece inequívoca a sua função cerimonial. Ela exala poder, uma propriedade, como assinalou Hoffman (1995), dos artefatos notáveis, sendo poder entendido como uma força subjacente, mas central, de todas as coisas, para os africanos ocidentais (Arens & Karp, 1999 *apud* Mitchel, 2006).

Foi encontrado, no mesmo sítio, outro exemplar com forma e decoração semelhantes (Figura 14, ao lado dele), feita igualmente por impressão de tecido reticulado, porém em dimensões convencionais, que nem de longe afeta com a mesma intensidade quem o vê, como seu congênere de grande porte.

Os outros três cachimbos decorados que se seguem a eles na Figura 14, todos recuperados no Paço Imperial, apresentam uma decoração bastante peculiar, que consiste em um grande X formado por uma ou por três linhas oblíquas paralelas, em cujos vértices foram escavados triângulos na argila, compondo um motivo

retangular delimitado por linhas duplas ou triplas. Essa decoração foi aposta em diferentes pontos em cada um dos exemplares: na primeira peça, na extremidade distal da haste, por baixo do forninho, com confecção primorosa, inclusive na barbela, que recebeu um orifício de suspensão; na segunda, em forninho fragmentado, porém onde ainda é possível ver o motivo duplicado e delimitado por uma estreita faixa perolada; e, ainda, em um segmento de haste.

Esse mesmo motivo foi encontrado com frequência em cachimbos recuperados na área do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro – Comperj, em projeto de grande envergadura coordenado por Gaspar (2012). Mais especialmente, no Vale do Macacu, região situada na porção norte do entorno da Baía de Guanabara, cuja ocupação histórica foi iniciada no século XVI. Na sua análise sobre os cachimbos aí encontrados, Coelho (2012) registrou peças com incidência desse motivo no sítio Morro do Sol, datado do século XVII, e Macacu 4, que teve uma ampla ocupação, compreendida entre fins do século XVII e o século XIX (Figura 15).



Figura 15. Cachimbo com o motivo do X formado por triângulos escavados na argila, com ocorrência expressiva em sítios do Vale do Macacu (Coelho, 2012).

Esse motivo identifica-se com variações do conhecido cosmograma BaKongo (Thompson, 1984, p. 101160), que aparece nos mais diversos suportes em forma de cruz equilátera, X, asterisco, sol raiado, entre outros. O motivo apresentado na segunda sequência da Figura 14 se aproxima estreitamente de uma variação utilizada pelos Chokwe, que vivem na região da Lunda, norte de Angola, onde ele aparece em máscaras rituais (Figura 16) ou em riscados no chão (Thompson & Cornet 1981, p. 47-48).



Figura 16. O motivo do X formado por triângulos em uma máscara dos Chokwe, que vivem na região da Lunda, ao Norte de Angola. Disponível em <https://www.africaclub.com/cho01i.htm>.

Esse mesmo motivo aparece em um exemplar intrigante, também proveniente do Paço Imperial, como os três acima descritos (Figuras 17 e 18): um cachimbo moldado em argila preta, de confecção primorosa, em forma de uma bota feminina, de salto alto e com a gáspea arrebitada. Polido, teve a costura do molde muito bem apagada. No forninho foi feita a inscrição *meu amor eterno*, em boa caligrafia. Sua haste, não encontrada, era adaptada a um orifício circular, na lateral direita. Trata-se provavelmente de um cachimbo francês, já que, como exposto acima, a França fabricava exemplares também em forma de objetos de uso cotidiano, em argila preta.

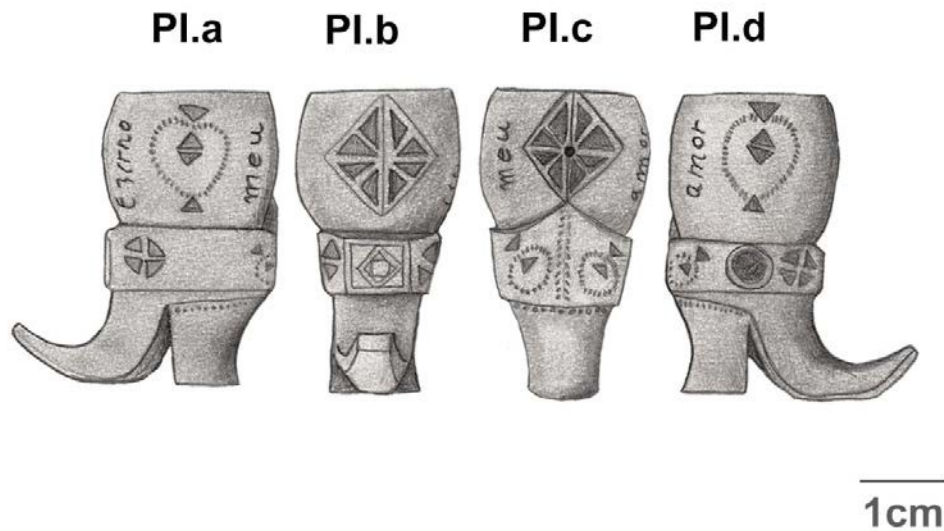


Figura 17. Cachimbo em forma de bota feminina, de provável proveniência francesa, encontrado no Paço Imperial. Face esquerda (a), anterior (b), posterior (c) e direita (d). Desenho: Henrique Vences.



Figura 18. Reprodução fotográfica do cachimbo em forma de bota: face esquerda, posterior, anterior e direita. Fotos: Andrea Jundi.

Sobre essa peça importada, e, portanto, após a queima, foi colocada uma exuberante decoração, com base nos motivos do X e do asterisco, formados por triângulos escavados. Eles aparecem em duas versões nesse exemplar: uma é abreviada, onde apenas os triângulos escavados formam a cruz equilátera, nas duas laterais da bota. Já a outra é mais complexa, tendo sido aposta ao calcanhar e à frente, em oposição uma à outra: foi feito um asterisco, no interior de dois grandes triângulos que formam um losango, delimitado por uma linha. A forma do asterisco foi composta igualmente por triângulos escavados. Outra forma losangular, no interior de

um retângulo, ambos em linhas duplas, contém no seu interior um outro retângulo, de pequenas dimensões, tendo sido implantada entre as cruzes resultantes da escavação dos triângulos. Mais triângulos e losangos (na verdade dois triângulos invertidos que se unem pela base) compõem outro motivo de destaque, na lateral do forninho: uma forma ovalada produzida com ponteados. Uma delas lembra levemente um coração.

Reitera-se aqui que tanto os motivos decorativos, claramente de inspiração africana, quanto a inscrição em português foram feitos após a queima (Figura 18), ao que tudo indica já no Rio de Janeiro, onde provavelmente o cachimbo francês foi comercializado. Cumpre lembrar o significado dos calçados para os escravizados, os quais, em razão de um costume consuetudinário que imperou na sociedade escravista, eram proibidos de usar sapatos (Lima, 2008). Tanto que, quando conseguiam se libertar, cuidavam logo de incorporar esse objeto de desejo à sua indumentária, como símbolo da sua liberdade.

Uma pessoa letrada fez a inscrição amorosa, com capricho, destinada a alguém que tinha condição de entendê-la, o que faz pensar na possibilidade de se tratar de alforriados ou libertos ladinizados. Trata-se de uma peça notável, onde um forte referencial africano foi apostado a um objeto europeu, de grande significado simbólico para os escravizados do Rio de Janeiro. Indiscutivelmente atraente, esse cachimbo prendia o olhar e a atenção; à primeira vista, sem dúvida pelo formato inusitado, em seguida, pela decoração vistosa, que se impunha aos olhos dos que dele se aproximavam e se encantavam.

O mesmo motivo dos triângulos escavados sugerindo um X, só que em pequena dimensão, foi colocado discretamente na lateral posterior do forninho de um fragmento encontrado na Fazenda da Mandioca (Figura 14, último exemplar). E também no sítio da Assembleia, como se vê abaixo (Figura 19), na forma de asteriscos, tratando-se, portanto, de motivo decorativo que parece ter tido ampla dispersão.

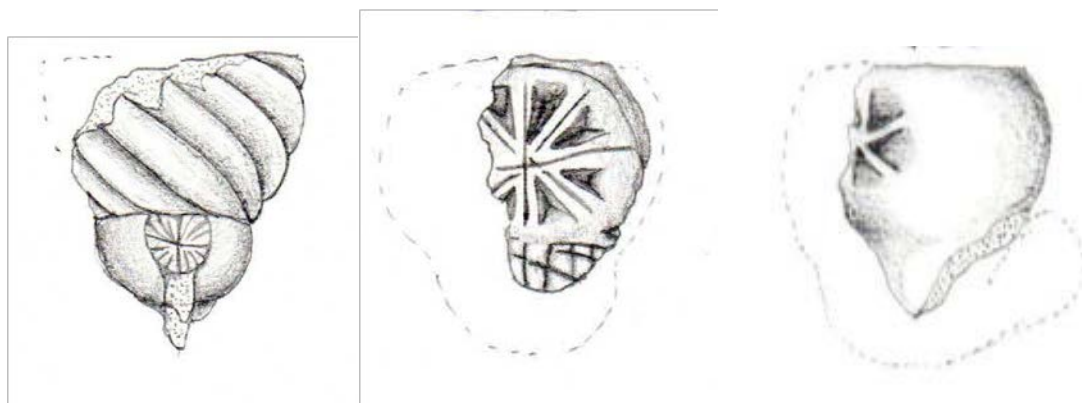


Figura 19. Fragmentos de cachimbos provenientes do Sítio da Assembleia, com os motivos dos triângulos, cruz e asterisco, O primeiro da sequência apresenta uma variação do motivo em gomos, no caso, torcidos. Desenhos: Henrique Martins.

Ainda com motivo decorativo centrado no X, foram recuperados dois cachimbos angulares, de haste curta, no Cais do Valongo (Figuras 20 e 21). Um deles, à esquerda, tem no forninho, entre dois X formados por três linhas paralelas, a cruz equilátera do cosmograma BaKongo, remetendo mais uma vez ao forte referencial da África Central.

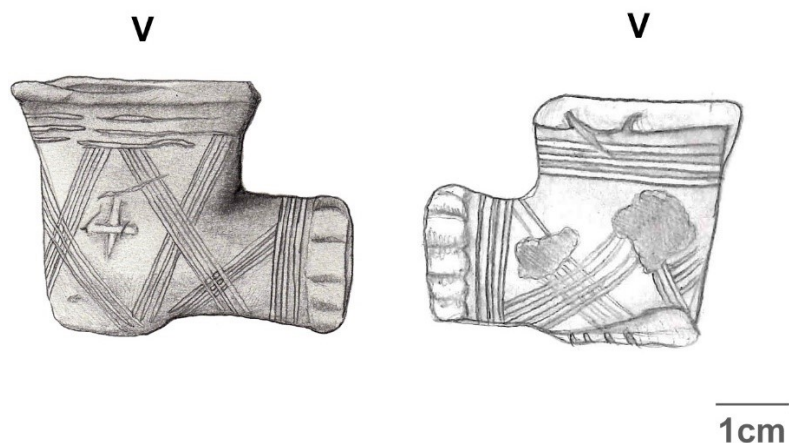


Figura 20. Cachimbos provenientes do Cais do Valongo com decoração em X, acrescida, no exemplar à esquerda, da cruz equilátera que representa graficamente o conhecido cosmograma BaKongo. Desenhos: Henrique Vences.



Figura 21. Reprodução fotográfica do cachimbo à esquerda, na Figura 16. Foto: Tania Andrade Lima.

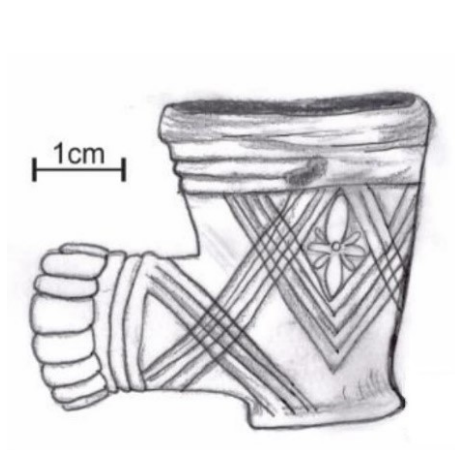


Figura 22. Cachimbo muito semelhante ao do Cais do Valongo recuperado no Forte Orange, na Ilha de Itamaracá, Pernambuco (Hissa, 2019). Em lugar da cruz equilátera entre X formados por quatro linhas paralelas, um asterisco mais elaborado, de formas cheias. Desenho: Sarah Hissa.

Exemplar muito semelhante foi recuperado no Forte Orange, na Ilha de Itamaracá, ao norte de Olinda, em pesquisa arqueológica coordenada pelo arqueólogo Marcos Albuquerque (Figura 22). Erguido pelos holandeses, no século XVII, passou posteriormente ao domínio português, quando recebeu a denominação de

Fortaleza de Santa Cruz de Itamaracá, entrando em decadência no início do século XIX. Chegou a ser restaurado em 1817, quando foi ocupado durante a Revolução Pernambucana, mas ao final do século XIX estava arruinado. Segundo Marcos Albuquerque (comunicação pessoal), não se tem conhecimento da presença de africanos escravizados na fortaleza. Contudo, em face do grande número de cativos em Itamaracá, nos séculos XVIII e XIX, não é improvável sua presença na fortificação. O asterisco aparece em exemplares desde o século XVIII ou final do XVII, como o que se vê na Figura 23, proveniente do Sítio da Assembleia, com forninho em gomos, só que aqui torcidos, com barbela.



Figura 23. Cachimbo proveniente do Sítio da Assembleia, século XVII/XVIII, com forninho em gomos torcidos, e com o asterisco, que, assim como a cruz e o X, representa graficamente o cosmograma BaKongo. Desenho: Felipe Martins.

Embora este artigo tenha como foco cachimbos de barro, foram recuperados no Cais do Valongo alguns poucos exemplares de madeira, apenas oito, atribuídos em princípio a segmentos livres. Em um deles, no entanto, foi apostado o asterisco, e por essa razão o apresentamos aqui (Figura 24). Os demais são simples, e três apresentam uma fina faixa pouco abaixo do lábio.

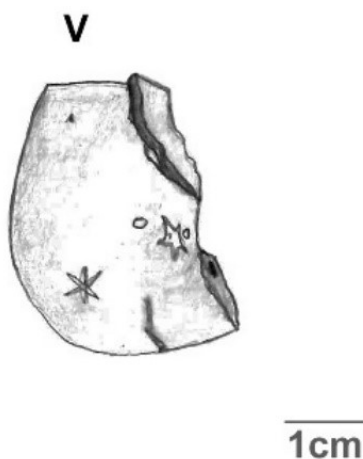


Figura 24. Forninho de cachimbo de madeira marcado com asterisco, proveniente do Cais do Valongo. Desenho: Henrique Vences.

A Figura 25 apresenta exemplares com baixa popularidade na amostra. Os primeiros da segunda sequência foram decorados com uma técnica muito específica, que aparece com frequência em sítios principalmente dos séculos XVII e XVIII. Trata-se do chamado *roulette* (Soper, 1985; Gosselain, 2000; Haour



*et al.*, 2010), que consiste em linhas denticuladas formadas por uma sequência de incisões pontuais mínimas, produzidas por um instrumento finamente dentado semelhante a engrenagens de relógios (Figura 26), que rola sobre a pasta ainda mole. Trata-se de algo provavelmente semelhante a uma carretilha, utilizada em costura, só que muito pequeno e delicado. Essa técnica decorativa, designada tentativamente aqui como endentada, vem sendo encontrada sobretudo em contextos setecentistas, como os sítios da Assembleia (Lima, 2019) e Visconde de Inhaúma (Lima, 2010), Engenho do Camorim (Peixoto, 2019), bem como no São Bento, pesquisado por Cordeiro (observação feita durante visita ao acervo do Laboratório de Arqueologia Brasileira). Embora populares no século XVIII, apenas dois foram recuperados no Cais do Valongo, provavelmente em virtude de se tratar de exemplares tardios.

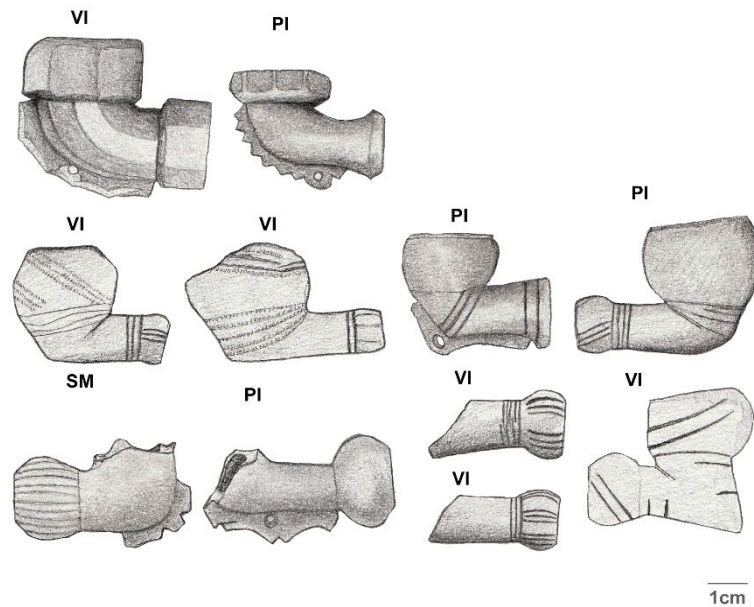


Figura 25. Cachimbos com diferentes decorações, com baixa frequência na amostra estudada. Desenhos: Henrique Vences.



Figura 26. Engrenagens de relógios antigos. Disponível em <https://elements.envato.com/pt-br/clock-parts-selection-of-oldbrass-clockwork-cogs--MKEJFMB>. Instrumentos semelhantes, finamente dentados, foram utilizados na aplicação da técnica decorativa designada aqui como endentado.

Os dois exemplares da primeira sequência na Figura 25 se destacam pela alta qualidade da execução, ambos em primoroso facetado: no primeiro, com barbela e orifício de suspensão, o facetado foi feito no forninho, na haste e no porta-boquilha; no segundo, também com barbela e orifício de suspensão, apenas no lábio do forninho. O primeiro deles, pelo porte e distinção, sugere um usuário de status mais elevado.

Ainda na Figura 25, vê-se um tipo de porta-boquilha também com expressiva ocorrência em sítios do século XVIII: com formato *bombé*, ele exhibe à toda volta um conjunto de três linhas paralelas incisadas, que se repetem em intervalos regulares, e também na junção com a haste. Mais frequentes na vertical, em alguns exemplares elas são oblíquas. Esse tipo de porta-boquilha aparece em grande parte na extremidade de hastes fraturadas, onde não é mais possível observar a decoração do forninho que o acompanhava. Essa fratura aparenta ser na junção entre as duas partes e pode ser decorrente de linhas de estresse que fragilizam a peça exatamente nesse ponto. Uma variante desse *bombé*, com barbela, apareceu no sítio das Marrecas (o primeiro, da última sequência): nele, as incisões tomam toda a parte abaulada do porta-boquilha, sem intervalos regulares e sem qualquer fronteira decorativa com a haste. E outra imediatamente em seguida a ela, no Paço Imperial, também com barbela, mas sem qualquer decoração no porta-boquilha abaulado.

As Figuras 27 e 29 apresentam exemplares íntegros, fragmentados e fragmentos de forninhos e de hastes com motivos decorativos únicos na amostra analisada, alguns muito elaborados. Na Figura 27, os dois cachimbos cônicos e afunilados ao final da segunda sequência, recuperados no Cais do Valongo, são espanhóis, mais precisamente, catalães. Peças similares, com esse formato tão peculiar, foram encontradas em escavações arqueológicas realizadas na fortaleza Castillo de San Severino, em Cuba (Orihuela & Viera, 2015) (Figura 28). Os forninhos largos e a haste curta em ângulo agudo, decorados, entre outros, com motivos geométricos, mesmas características dos encontrados no Cais do Valongo, os situam cronologicamente, segundo os autores, em finais do século XVIII e início do XIX. Esses dois surpreendentes exemplares catalães são corpos estranhos no conjunto analisado, e provavelmente foram introduzidos por marinheiros na efervescência da zona portuária, como demonstrado por Hissa (2018), em sua densa análise sobre os cachimbos de caulim nessa região.

OLHANDO, DESEJANDO, IN-CORPORANDO:  
 CACHIMBOS DE BARRO NA CONSTRUÇÃO DE COMUNIDADES DIÁSPÓRICAS

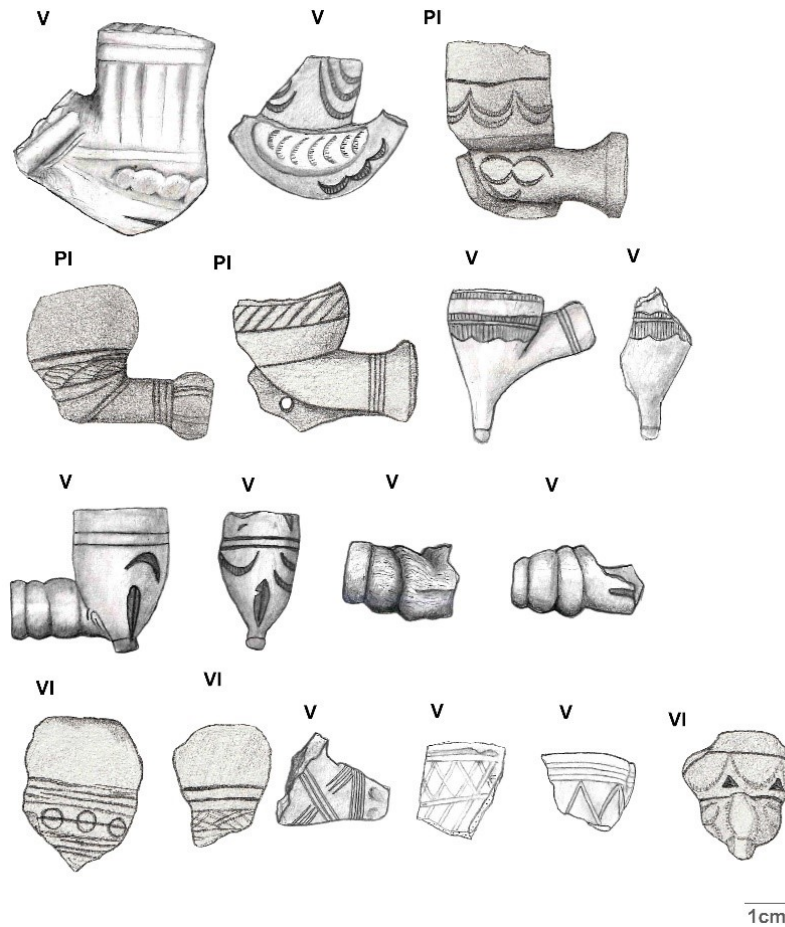


Figura 27. Exemplos íntegros, fragmentados e fragmentos de forninhos e hastes com motivos decorativos únicos na amostra analisada. Desenho: Henrique Vences

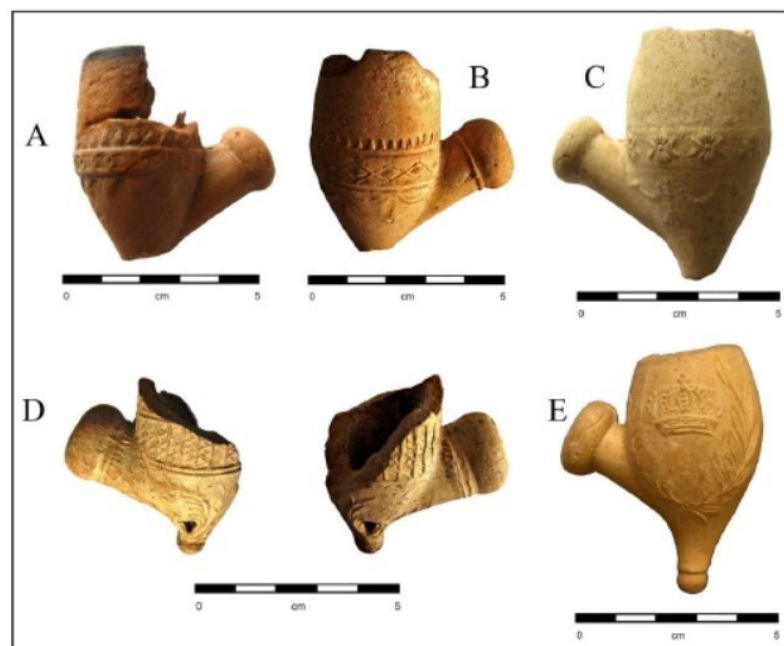


Figura 28. Cachimbos catalães, segundo Orihuela e Viera (2015). Os exemplares C e E, com formas cônicas muito peculiares, são similares aos encontrados no Cais do Valongo.

Na mesma Figura 28, os cachimbos angulares da terceira sequência apresentam uma haste segmentada, com uma sequência de anéis abaulados, muito característica e pouco usual. Hastes semelhantes podem ser vistas na Figura 9, que reproduz cachimbos provenientes de Accra, Gana. (Ozane, 1962).

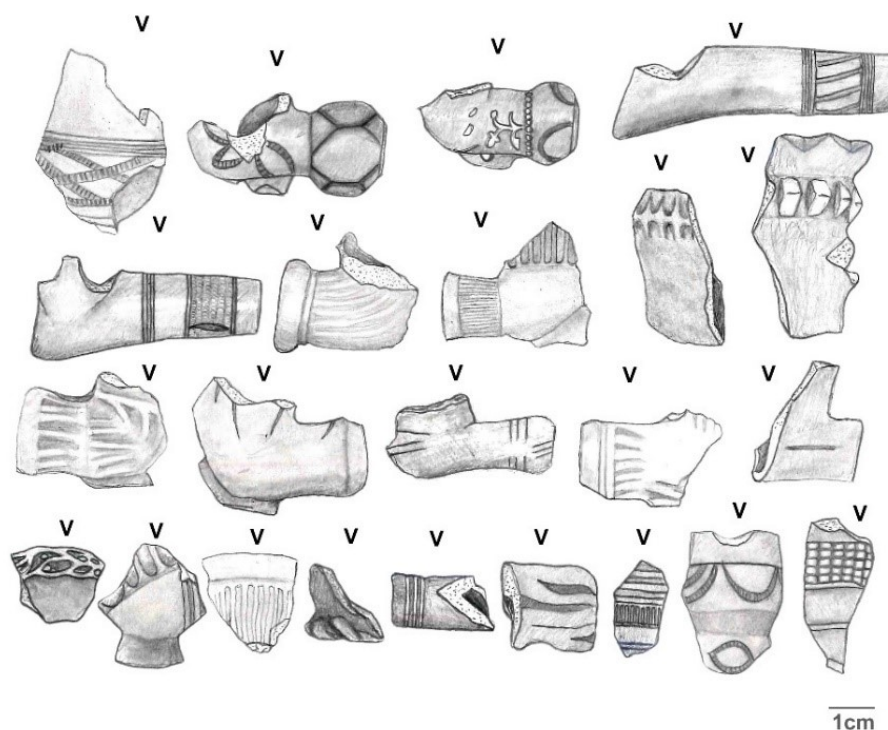


Figura 29. Exemplares íntegros, fragmentados e fragmentos de forninhos e hastes com motivos decorativos únicos na amostra analisada. Desenho: Henrique Vences.

A maioria dos motivos decorativos únicos apresentados nas Figuras 27 e 29 não permite, por ora, estabelecer comparações nem tecer maiores considerações, senão que, intensamente decorados, eles detinham, da mesma forma que os demais analisados neste artigo, alta capacidade agentiva.

#### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A AMOSTRA ANALISADA

A abundante iconografia disponível na literatura oitocentista dos viajantes é pródiga na associação recorrente entre pretos e seus cachimbos, atestando a onipresença desses objetos entre homens e mulheres de origem africana, indistintamente (Figuras 30, 31, 32). Embora cachimbos de barro possam ter sido usados, como assinalamos, por indivíduos livres, de baixa condição socioeconômica, é indiscutível que, em sítios arqueológicos que contaram com presença de escravizados, esses artefatos são encontrados em quantidades expressivas, reiterando o que mostra o registro iconográfico.

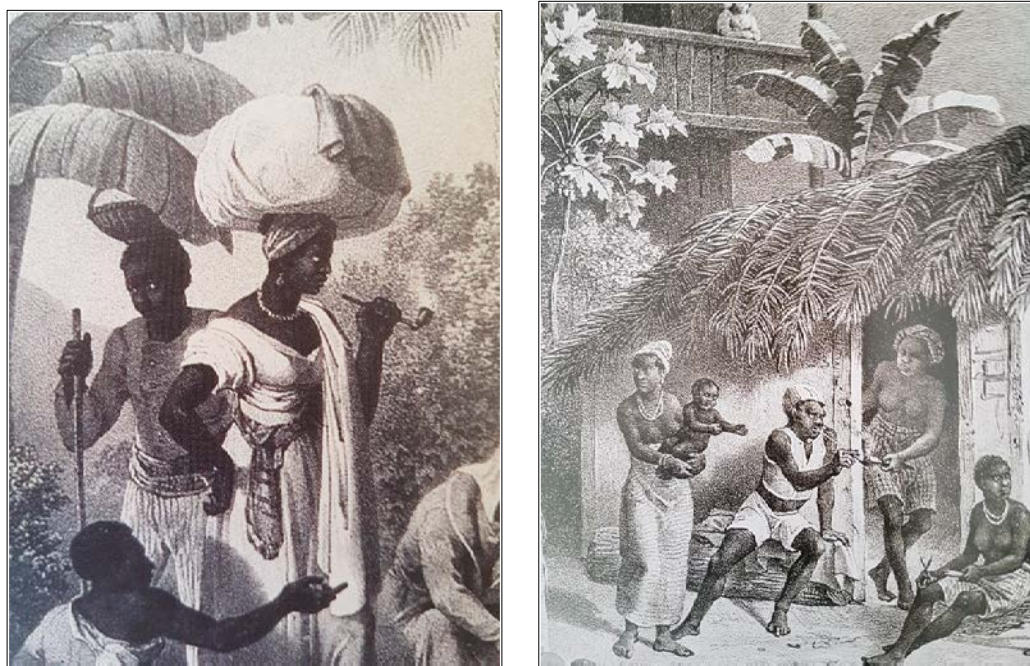


Figura 30. Gravuras de Johann Moritz Rugendas, 1835 (Diener e Costa, 2002).

A notável dispersão e concentração desses objetos entre cativos obriga uma reflexão sobre esse fenômeno. Por certo, sua função imediata era viabilizar o consumo viciante do tabaco, do qual seus usuários necessariamente ficavam dependentes. Contudo, os cachimbos de barro se tornaram muito maiores do que objetos meramente funcionais. As múltiplas e caprichosas decorações que lhes foram apostas deram vida a essas peças que, circulando intensamente entre os negros, impressionavam, seduziam e capturavam os que as viam, sendo adotados por indivíduos das mais diversas procedências do continente africano.



Figura 31. Aquarela de Carlos Julião (últimas décadas do século 18), onde se vê uma vendedora de frutas portando seu cachimbo angular com pedúnculo. Acervo Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Mesclando referenciais de origens distintas com outros que viam em seu entorno, próprios dos europeus, essas manifestações híbridas, desenvolvidas no contexto urbano e multiétnico do Rio de Janeiro, foram incorporadas, algumas com maior, outras com menor intensidade, em função de uma maior ou menor atração e identificação com suas formas e decoração, a ponto de se tornar uma marca dos escravizados. E, mais particularmente ainda, no Cais do Valongo, uma Babel de línguas e de culturas que se misturavam nos contínuos desembarques e embarques de todo tipo de gente. Sobretudo porque, como assinalou Agbe-Davis (2017) referindo-se aos cachimbos produzidos em Chesapeake, na Virgínia, a tecnologia e decoração desses artefatos sugere eles escapavam ao controle das elites, que dominavam outros setores econômicos, mas não sua produção e consumo, como de fato parece ter ocorrido no Rio de Janeiro e como deixa entrever a aquarela de Debret apresentada na Figura 2.

Nesse processo de hibridização, foi possível observar, nos cachimbos, a força e influência de referenciais centro-africanos nas cruces, Xs e asteriscos que expressam graficamente sua cosmologia, bem como na decoração minimalista de incisos, absolutamente majoritários na amostra. Sua impressionante frequência decerto corresponde às levas maciças desses grupos que chegaram ao Rio de Janeiro no século XIX (Lima, Souza, Sene, 2014), e que os tornaram dominantes nas áreas urbanas e rurais. De africanos ocidentais, minoritários não obstante muito influentes, na forma pedunculada dos cachimbos com haste em ângulo agudo e nas hastes segmentadas em anéis abaulados que aparecem em Gana. E dos europeus hegemônicos, nos perolados e gomos, bem como em objetos apropriados integralmente e ressignificados. Como a bota feminina com os motivos centro-africanos que a recobriram em grande parte, evidência maior do processo de hibridização dos diferentes grupos étnicos deslocados que confluíram para o Rio de Janeiro e que aí criaram, com a materialidade por eles produzida, novas possibilidades de sobrevivência física, espiritual, cultural e social.

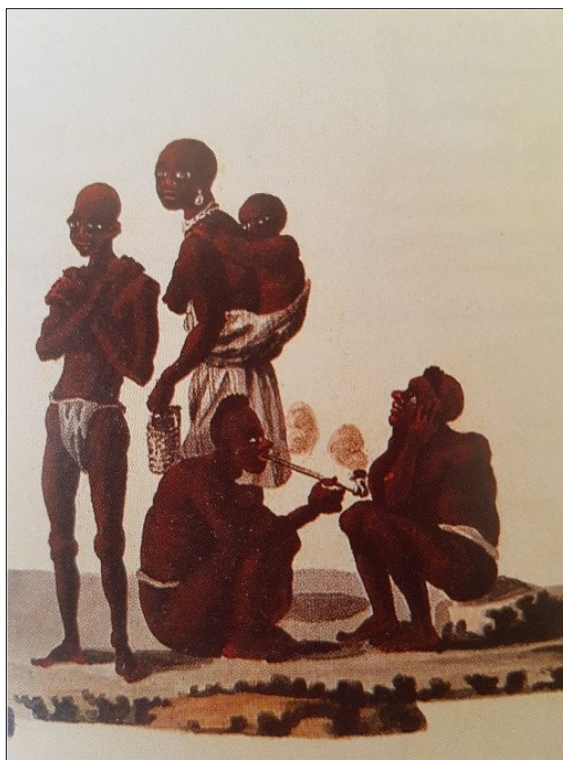


Figura 33. Aquarela de Joaquim Cândido Guillobel, 1812-1816 (Moura, 2000).

Com sua capacidade extraordinária de circulação, os cachimbos de barro se tornaram poderosos elementos agregadores dos desenraizados dispersos pela cidade e pelo campo, criando elos identitários entre eles e assim contribuindo para formar novas comunidades, agora diaspóricas. Um fenômeno que durou enquanto elas se fizeram necessárias durante a escravização de africanos, desaparecendo após o fim do regime escravista e o avanço do processo de crioulização.

#### AGRADECIMENTOS

Ao Ministério Público Federal, na pessoa do Procurador da República Dr. Sergio Gardenghi Suiama, pelo seu forte empenho para que o acervo do Cais do Valongo, sob a guarda do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade, continue a ser estudado pela equipe responsável pela pesquisa. Os agradecimentos se estendem também ao IRPH.

#### REFERÊNCIAS

- Agbe-Davis, A. D. (2017). Laboring under an illusion: aligning method and theory in the archaeology of plantation slavery. *Historical Archaeology*, 52(1): 125-139.
- Agostini, C. (1998). Resistência cultural e reconstrução de identidades: um olhar sobre a cultura material dos escravos do Século XIX. *Revista de História Regional*, 3(2): 115-137.
- Agostini, C. (2009). Cultura material e a experiência africana no sudeste oitocentista: cachimbos de escravos em imagens, histórias, estilos e listagens. *Topoi*, 10(18), p. 39-47.
- Agostini, C. (2018). 'Cachimbos de escravos'? Miudezas do cotidiano entre malungos, irmãos e alteridades. In Cheviratense, A.L. & Gomes, F.S. (Org.). *Dos artefatos e das margens. Ensaios da história social e cultura material no Rio de Janeiro* (p. 11-37). Rio de Janeiro: 7Letras.
- Bandeira, J. & Lago, P. C. (2009). *Debret e o Brasil. Obra completa 1816-1831*. Rio de Janeiro: Capivara.
- Coelho, F. D. N. (2012). A negra fumaça: uma análise dos cachimbos do sítio arqueológico Macacu IV - Itaboraí, Rio de Janeiro, RJ. (Dissertação de mestrado). Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro.
- Diener, P. & Costa, M. F.. (2002). *Rugendas e o Brasil*. Rio de Janeiro: Capivara.
- Edwards, E. (2017). *Voyage of HMS Pandora: despatched to arrest the mutineers of the Bounty in the south seas, 1790/1791*. Inglaterra: Thalassic Press.
- Emerson, M. C. (1999). African inspirations in a New World art and artifact: decorated tobacco pipes from the Chesapeake. In Singleton, T. (ed.). *"I, Too, Am America": archaeological studies of African-American life* (p. 47-81). Charlottesville and London: University Press of Virginia.

- Florentino, M. (1997). *Em costas negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro, séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional.
- Gaspar, M. D. (2012). Programa de Prospecção, Salvamento e Preservação do Patrimônio Arqueológico da Área de Instalação do COMPERJ e sua Estrada Principal de Acesso. Relatório Final. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Gell, A. (1998). *Art and agency: an anthropological theory*. Oxford: Oxford University Press.
- Gell, A. (2012). “Things” as social agents. In Dudley, S.H. (ed.). *Museum objects: experiencing the property of things* (p. 336-343). London and New York: Routledge.
- Heidegger, M. (2012). *Ser e tempo*. Campinas: UNICAMP.
- Hissa, S. de B. V. (2018). *O petyn no cachimbo branco: arqueologia e fumo nos séculos XVII ao XIX*. (Tese de Doutorado). Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro.
- Hissa, S. de B. V. (2019). Brancos, castanhos e vermelhos: cachimbos arqueológicos de cerâmica no Forte Orange. *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, 13(1): 1-28.
- Hissa, S. de B. V. e Lima, T. A. (2019). Cachimbos brancos da região do Valongo: o cachimbo cosmopolita no Rio de Janeiro oitocentista. *Revista de Arqueologia, Especial Museu Nacional (volume 1)*: 32(2):61-85.
- Hoffman, R. (1995). Objects and acts. *African Arts*, 28(3):56-91.
- Lima, T. A. (1992). *Arqueologia histórica no Rio de Janeiro: o século XIX. Relatório técnico 1990-1991*. Disponível na Superintendência do Iphan no Rio de Janeiro.
- Lima, T. A.; Bruno, M. C. de O. & Fonseca, M. P. R. da (1993). Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, século XIX. Fazenda São Fernando, Vassouras, RJ, exploração arqueológica e museológica. *Anais do Museu Paulista, História e Cultura Material*, 1: 179-206
- Lima, T. A. (2008). Los zapateros descalzos: arqueologia de una humillación em Rio de Janeiro del Siglo XIX. In Félix A. Acuto y Andrés Zarankin (orgs.), *Sed non satiata II. Acercamientos sociales en la arqueología latinoamericana* (35-57). Córdoba: Encuentro Grupo Editor.
- Lima, T. A. (2010). *Construção de Edifício Comercial à Rua Visconde de Inhaúma nº 83, Centro, Rio de Janeiro*. Relatório final de monitoramento arqueológico. Disponível na Superintendência do Iphan no Rio de Janeiro.
- Lima, T. A. (2013). *Projeto Marrecas*. Relatório final de monitoramento arqueológico. Disponível na Superintendência do Iphan no Rio de Janeiro.
- Lima, T. A., Souza, M. A. T. de & Sene, G. M. (2014). Weaving the second skin: protection agains evil among the Valongo slaves in nineteenth-century Rio de Janeiro. *Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage*, 3(2):103-136.
- Lima, T. A. (2016). A meeting place for urban slaves in eighteenth-century Rio de Janeiro. *Journal of African Diaspora Archaeology and Heritage*, 5:2:102-146.



- Lima, T. A., Sene, G. M. & Souza, M. A. T. de. (2018). Em busca do Cais do Valongo, Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 24(1):299-391.
- Lima, T. A. (org.) (2020). *Arqueologia Urbana: estudo de uma vizinhança no Rio de Janeiro oitocentista*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, Série Livros Digital 19.
- Martinez-Ruiz, B. (2013). *Kongo graphic writing and other narratives of the sign*. Philadelphia: Temple University Press.
- McEwan, C. (2001). Seats of Power. Axiality and access to invisible worlds. In McEwan, C.; Barreto, C. & Neves, E. (eds.). *Unknown Amazon* (p. 176-197). London: The British Museum Press.
- Mitchel, J. P. (2006). Performance. In Tilley, C.; Keane, W.; Küchler, S.; Rowlands, M & Spyer, P. (eds.) *Handbook of Material Culture* (p. 384-401). London: Sage.
- Olsen, B. (2010). *In defense of things: archaeology and the ontology of objects*. Lanham: AltaMira Press.
- Orihuela, J. & Viera, R. A. (2015). Las pipas de fumar tabaco del Castillo de San Severino (Matanzas, Cuba): tipología, espectroscopia (SEM-EDS) y análisis contextual. *Cuba Arqueológica*, 2: 5-32.
- Ozanne, P. (1962). Notes on the early historic archaeology of Accra. *Transactions of the Historical Society of Ghana*, 6: 51-70.
- Paiva, Z. C.; Fagundes, M. & Borges, J. F. (2015). “Uma baforada sim sinhô”: cachimbos de escravos para se entender as dinâmicas socioculturais da Diamantina oitocentista. *Tarairiú*, 1(9): 165-186.
- Peixoto, S. A. (2019). *Jacarepaguá, a “planície dos muitos engenhos”*: uma arqueologia do sertão carioca, Rio de Janeiro, século XVII ao XIX. (Tese de Doutorado). Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro.
- Schablitskya, J. M.; Wittb, K. E.; Madrigald, J. R.; Ellegaardd, M. R.; Malhi, R. S. & Schroederd, H. (2019). Ancient DNA analysis of a nineteenth century tobacco pipe from a Maryland slave quarter. *Journal of Archaeological Science*, 105:11-18.
- Shaw, C.T. (1960). Early smoking pipes in Africa, Europe, and America. *The Journal of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, 90(2): 272-305.
- Souza, M. A. T. de (2000). Ouro Fino. Arqueologia histórica de um arraial de mineração do século XVIII em Goiás. (Dissertação de mestrado). Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- Souza, M. A. T. de (2018). Pequenos céus e outros mundos: uma arqueologia dos encontros coloniais em um dos limiares da América portuguesa. In Aguilera, B. M. (Ed.). *Iberia, de colonia a potencia colonial* (p. 338-369) Madri: JAS Arqueologia.
- Souza, M. A. T. de & Agostini, C. (2012). Body marks, pots and pipes: some correlations between African scarifications and pottery decoration in eighteenth and nineteenth-century Brazil. *Historical Archaeology*, 46(3): 102-123.
- Souza, M. A. T. de & Lima, T.A. (2017). Hibridismo e inovação em cerâmicas coloniais do Rio de Janeiro, séculos XVII e XVIII. *Urbana: Revista Latinoamericana de Arqueologia e Historia de las Ciudades*, 5: 21-60.

- Silva, R. C. P. da; Morley, E. & Silva, C. E. F. da. (1984). A restauração do Paço Imperial – a pesquisa arqueológica: primeiras notas. *Revista da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* 20:158165.
- Thomas, J. (1996). *Time, culture and identity : an interpretative archaeology*. London and New York: Routledge.
- Thompson, R. F. (1984). *Flash of the spirit: African and Afro-American art and philosophy*. New York: Vintage Books.
- Thompson, R. F. & Cornet, J. (1981). *The four moments of the sun: Kongo art in two worlds*. Washington: National Gallery of Art.
- Viveiros de Castro, E. (1986). *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.